

Daniel Bensaïd: por uma concepção aberta da história e pelo resgate da política e da estratégia*

Darlan Montenegro** e Josué Medeiros***

Resumo:

Este artigo pretende debater as reflexões do filósofo marxista francês Daniel Bensaïd sobre as relações entre marxismo, história e determinismo e também sobre a centralidade da política para os processos de transformação histórica. Em ambos os debates procuramos sustentar que Bensaïd possui uma visão aberta e não teleológica da história que confere à estratégia centralidade no processo de transformações históricas.

Palavras-chave: Marxismo. História. Política. Estratégia. Daniel Bensaïd.

Este trabalho aborda discussões empreendidas pelo intelectual e dirigente marxista francês Daniel Bensaïd, em duas de suas obras: *Marx, O intempestivo* (1999) e *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente* (2008) e no artigo *Lenin e a política do tempo partido* (2000). Duas preocupações, fortemente ligadas entre si, articulam os escritos que aqui são discutidos: a primeira diz respeito à oposição do autor às variantes deterministas do marxismo e à sua defesa de um marxismo fundado numa concepção aberta, não teleológica da história; a segunda corresponde à sua afirmação da centralidade da política para os processos de transformação histórica. Mais particularmente, a ideia de que a *estratégia* é um elemento central da luta transformadora socialista.

A articulação desses dois aspectos aproxima Bensaïd, segundo pensamos, antes de mais nada, de uma tradição de pensamento que tem como principais expoentes Lenin e Antonio Gramsci. A estratégia é um tema fundamental para

*Versão ampliada e modificada de comunicação aprovada para apresentação no VII Colóquio Marx e Engels, Unicamp, em julho de 2012.

**Doutor em ciência política pelo IUPERJ, professor adjunto de Teoria Política da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. End. eletrônico: dmontenegro@gmail.com

***Doutorando em Ciência Política pelo IESP-UERJ. End. eletrônico: josuedsrj@gmail.com

o russo e para o italiano. Enquanto Lenin opera politicamente com base numa concepção “aberta” (e a sua concepção do partido e da estratégia sugere, em termos teóricos, a possibilidade de uma visão desse tipo), é somente com Gramsci que essa concepção adquire uma teorização clara e explícita. Na verdade, Gramsci aprofunda e dá um caráter mais sistemático a uma forma de pensar a história que já está presente em Lenin.

Em termos mais contemporâneos, o pensamento de Bensaïd se aparenta com o de autores como Edward Palmer Thompson e, especialmente, Ellen Meiksins Wood, que também trava um combate pela retomada da centralidade da *política*.

A questão das possibilidades da ação política consciente, por parte de sujeitos coletivos, e da viabilidade de que essa ação possa produzir resultados significativos, no que diz respeito aos rumos de uma determinada sociedade, é um dos problemas centrais da tradição marxista. Trata-se, em última análise, da discussão acerca do sujeito do processo revolucionário. Não é, no entanto, um debate fácil. As elaborações de Marx a respeito das possibilidades da política foram marcadas, segundo alguns autores (com os quais concordamos) por *tensões* deterministas. Essas tensões atravessam sua obra e permitiram que autores marxistas de gerações posteriores abraçassem concepções mecanicistas das relações sociais. Guimarães (1999) é um dos autores que identificam essa tensão na obra marxiana e sua definição de determinismo fundamenta a preocupação presente neste trabalho e a escolha do autor aqui estudado como um caso de alternativa ao determinismo. Segundo Guimarães,

Definimos como deterministas as visões da história que compreendem o futuro das sociedades como *a priori* e positivamente estabelecidos ou que compreendem o agir social positiva e previamente estabelecido por razões objetivas situadas para além do controle ou da vontade dos sujeitos envolvidos (Guimarães, 1999: 35).

Bensaïd enfatiza a possibilidade de uma leitura não determinista de Marx e também a necessidade de pensar a política como um elemento central da reflexão de alguém que, ao fim e ao cabo, dedicou sua vida à obra eminentemente *política* da revolução.

1. Por um marxismo não-determinista

Em *Marx, O intempestivo*, Bensaïd parte do pressuposto de que Marx elaborou “não um sistema doutrinário, mas uma teoria crítica da luta social e da mudança do mundo”, inaugurando, portanto, “uma nova escrita da história”, na qual o conflito atua “nas fraturas” (...) “da discordância dos tempos”. O autor opera, assim, uma distinção entre o “pensamento subversivo de Marx” e os “marxismos

instituídos” (Bensaïd, 1999: 14 e 17), em especial as “ortodoxias majoritárias da II e da III internacional”. Nas palavras do autor:

(...) Alguns ‘marxistas’ entreteceram de bom grado a metáfora do ‘Tribunal da História’, de seus ‘caminhos’ e ‘meandros’, como se uma via de mão única conduzissem ao pé do carvalho onde a justiça é feita. De acordo com essa representação religiosa, o extemporâneo torna-se desvio e o erro, complô. (Bensaïd, 1999: 23)

Afirma que Marx, ao contrário dos marxismos oficiais, empreendeu uma *desmoralização* da história, isto é, renunciou “de uma vez por todas a que ela tenha uma moral” (Bensaïd, 1999: 25) última, um fim determinado. Para o filósofo francês, este movimento é crucial porque desmoralizar a história significa “politizá-la, torná-la aberta a um pensamento estratégico. Conceber a supressão do capital não como ‘fim da história’ mas como ‘fim da pré-história’ não é uma jogada literária nem um jogo de palavras”. (1999: 25). Trata-se, segundo o autor, da criação de um tempo que é, fundamentalmente, político. Marx não estaria, portanto, em busca do

(...) ideal de previsibilidade histórica. O *Capital* não é a ciência das leis da história mas ‘a crítica da economia política’. Ele não quer saber de verificar a coerência de uma história universal, antes desembaralhar tendências e temporalidades que se contrariam sem se abolirem. Os textos consagrados às conjunturas históricas particulares (as revoluções de 1848, a Guerra de Secessão, a Comuna de Paris) (...) são exemplos de conhecimento da história em processo. Este presente histórico não é um elo no encadeamento mecânico dos efeitos e das causas, mas uma atualidade repleta de possíveis, onde a política supera a história na decifração das tendências que não fazem lei (Bensaïd, 1999: 29-30).

Já as obras *A sagrada família* e *Ideologia alemã* são, para Bensaïd, o “ajuste de contas” de Marx com a velha concepção filosófica alemã, teleológica e sacralizadora da história. Em suas palavras:

Ora, ajustar as contas com a velha consciência filosófica do ponto de vista da luta de classes e da crítica da economia política é também ajustá-las com a filosofia especulativa da história. É derrubar ‘a história sagrada’, com seus paraísos perdidos e suas terras prometidas, em nome da ‘história profana’! É pensar no presente, não no futuro anterior. (Bensaïd, 1999: 32-33).

A transformação realizada por Marx, portanto, é a da “secularização mais radical da história, rejeição mais vigorosa de seus ‘artifícios especulativos’ e de suas ilusões retrospectivas.” (Bensaïd, 1999: 32). O autor enfatiza que a crítica de Marx não se “encaminha às promessas finais e ao juízo final” porque ele entende que “a história presente e vindoura não é meta da história passada. Banal

‘sucessão de gerações’ ela não tem mais sentido do que a monótona genealogia das baleias” (1999:32).

Enquanto os chamados “textos políticos” são cruciais para entender a capacidade intelectual de Marx em interpretar as conjunturas políticas à luz da sua teoria da luta de classes, *A sagrada família e a Ideologia alemã*, que poderiam ser denominados de “obras filosóficas” não seriam parte secundária da reflexão marxiana, mas sim momento fundamental de superação dialética de Hegel. Bensaïd diz que esta superação se concretiza plenamente em como uma “nova escrita da história” (Bensaïd, 1999: 37) em *O capital*, ou seja, quando se constitui como “crítica da economia política” (1999: 38) que “leva a história a sério, não mais como abstração religiosa, da qual os indivíduos vivos seriam suas humildes criaturas, mas como desenvolvimento real das relações em conflito” (1999: 36).

Esta nova escrita da história tem nos *Grundrisse* os seus rascunhos e em *O capital*, sua forma acabada. Bensaïd ressalta que não pretende reduzir o primeiro texto à mera preparação do segundo. O que se tem é uma unidade entre as duas obras a partir das “noções decisivas de contratempo ou de não-contemporaneidade” (Bensaïd, 1999: 41), que podem surpreender “aqueles que se contentam com a rígida ‘correspondência’ entre infra-estruturas do prefácio de 1859 à *Contribuição à crítica da economia política*” (1999: 41).

O autor, que não é pego de surpresa com esta “revolução teórica” sustenta que “Marx insiste, ao contrário, na discordância dos tempos”, em uma visão na qual o contratempo “é o modo real da política, da estética, da teoria. (...) O presente é sempre vivido sob tais disfarces”, aqueles que oprimem os cérebros dos vivos no *18 Brumário* (1999: 41). Então conclui sua reflexão: “a política é exatamente o ponto de encontro entre esses tempos discordes” (1999: 41-42).

A história como processo aberto e a centralidade da política, portanto, são os elementos centrais do marxismo de Daniel Bensaïd. São evidentes os ecos de Antonio Gramsci. E é evidente que, numa conjuntura radicalmente distinta, a afirmação dessa concepção deverá enfrentar inimigos em grande medida distintos.

2. Os adversários da política

Muitos são aqueles contra os quais Daniel Bensaïd dirige sua crítica, em *Os irredutíveis* (2008). Dos desiludidos pós-modernos aos neoliberais eufóricos, dos herdeiros do stalinismo aos social-democratas resignados. O formato do livro evoca um positivismo cientificista que por certo Bensaïd não defende. A adoção irônica desse léxico serve, contudo, para enriquecer os combates que ele trava em defesa da política e do futuro. Em todos os casos, trata-se, sempre, de resgatar as possibilidades da *história aberta* e a *centralidade da política*. Para uma discussão acerca das *possibilidades da política* na contemporaneidade e como pré-

requisito para que se possa travar o combate pela superação do capitalismo, os adversários mais relevantes são o pensamento pós-moderno (um adversário até certo ponto *interno* e muito influente em meios acadêmicos e sociais nos quais a esquerda socialista um dia teve grande relevância) e a ideologia liberal atualmente hegemônica na sociedade em seu conjunto.

No prefácio à edição brasileira ele anuncia o terreno da contenda: “o esgotamento do debate estratégico na esquerda em geral e na esquerda radical em particular” (Bensaïd, 2008: 09). Bensaïd está falando de um verdadeiro campo minado pela “mercantilização do mundo”, pelo “despotismo do mercado” e pela “sociedade de mercado como estágio supremo do fetichismo do dinheiro” (2008: 09). Enfrenta seus oponentes de forma crítica e heterodoxa, e seus teoremas, corolários e escólios retratam esta perspectiva teórica e prática.

O primeiro alvo de Bensaïd é o chamado pensamento “pós-moderno”. O autor enfatiza, constantemente, a legitimidade de seu inimigo. Afirma que “é preciso encarar o desafio da pós-modernidade admitindo sua parte pertinente.” (2008: 23). Para ele, a pós-modernidade “exprime uma revolta contra a fé secular no sentido da história e na ordem do progresso. Pretende apresentar uma revanche às rudes disciplinas da razão, tão frequentemente associadas à dominação do Estado e às ilusões do progresso.” (2008: 83). Todavia, Bensaïd não tarda em denunciar o argumento pós-moderno como o grande canto da sereia intelectual, que seduz a reflexão apenas para afogá-la nas águas turvas da ideologia dominante. É hora de colocar-se contra o “novo obscurantismo e o aniquilamento dos horizontes de esperança” (2008: 10) que muitas vezes são resultado do anti-iluminismo pós-moderno. Sob o choque da globalização capitalista “as noções de nação, território, povo, soberania e cidadania foram abaladas” (2008: 11) Bensaïd insiste, porém que elas “não foram ultrapassadas”. (2008: 11)

Apesar de pouco afirmar, a pós-modernidade acaba por confirmar o “triumfo absoluto da mercadoria” (2008: 20) contra o qual o modernismo tanto se bateu. “A pós-modernidade obtém suas vitórias nos momentos de depressão e de doença, quando soa a hora do ecletismo e da resignação.” (2008: 81). Fim da história, derrota da política, morte do futuro. “A rejeição pós-moderna das ‘grandes narrativas’ aquelas do Iluminismo, assim como as da epopeia proletária” significam “uma desconstrução da historicidade, uma corrida ao culto do imediato, do efêmero, do descartável. Não há mais projetos e programas, a grande desilusão não é mais libertadora, mas destrutiva dos próprios fundamentos da cultura.” (2008: 26).

O adversário seguinte do autor é aquele ao qual ele se refere como a “contra-reforma liberal”. De todos os adversários enfrentados pelo marxista francês é o pensamento liberal aquele que representa de forma mais completa a ofensiva do capital iniciada no final do século XX.

Se a pós-modernidade é uma lógica cultural típica de um momento caracterizado pela mercantilização do mundo, a ideologia liberal é quem organiza politicamente esta ofensiva do “capital globalizado” que “implica uma reorganização dos espaços e territórios, um deslocamento de fronteiras e a construção de novas muralhas de proteção (contra os palestinos ou na fronteira mexicana)” que tem por resultado não um mundo livre, mas sim a produção de “novas formas de dependência econômica, tecnológica e cultural” (2008: 14 e 15).

Bensaïd fala de uma “metamorfose do imperialismo” que, sob a cortina da globalização, tem como marca o fato de que “a subordinação direta dos territórios torna-se secundária em relação ao controle dos mercados”. (2008: 57-58). Até mesmo por isso a guerra também se transforma, torna-se espacialmente múltipla e temporalmente indeterminada, contra inimigos tão presentes quanto indefinidos.

O autor conecta a crítica pós-moderna à “contra-reforma liberal”. Aquela questiona as grandes narrativas do Iluminismo, menos uma, a do capital, a qual se organiza justamente pelos preceitos neoliberais: “a ideologia dominante se perpetua, assim, no fim proclamado das ideologias”. (2008: 86). Pensamento pós-moderno e ideologia liberal convergem para afirmar a futilidade dos esforços de transformação da sociedade.

3. A irreduzível exemplaridade da política

A política é a grande arma que Bensaïd empunha contra seus oponentes. Não importa qual seja a contenda específica: fim da história, fragmentação das identidades, aceitação da ordem estabelecida, fatalismo histórico, enfim, todas as maneiras com as quais o capital fortalece suas posições no mundo mercantilizado são combatidas com a ação política. Para o autor, já se percebe que o “momento de ilusão, de acordo com o qual os movimentos sociais constituem uma resposta suficiente para a crise da política, de acordo com a qual as lógicas são solúveis na experimentação local e nos contra poderes em miniatura, de acordo com a qual se trata, a partir de agora, ‘de mudar o mundo sem mudar o poder’ está esgotado”. (Bensaïd, 2008: 12).

A crise da política só pode ser superada pela e com a política: “não estamos livres da política enquanto arte profana do tempo e do espaço, enquanto esforço obstinado para recriar os limites do possível em um mundo sem deuses.” (2008: 26).

Não pode existir, para o autor, política sem estratégia:

A arte da decisão, do momento propício, da bifurcação aberta para a esperança é uma arte estratégica do possível. Não o sonho de uma possibilidade abstrata, em que tudo o que não é impossível seria possível, mas arte de uma possibilidade determinada pela situação concreta: sendo cada situação singular, o momento da

decisão é sempre relativo a essa situação, adaptado ao objetivo a ser atingido. A razão estratégica é a arte da resposta apropriada. Ela não domina a situação. Não a sobrevoa. Não a sobrepuja. Enraiza-se nela para novamente pôr em questão as regras e as normas estabelecidas (2008: 28-29).

Os momentos de crise aparecem como fundamentais para que a política cumpra seu papel, num eco evidente de Lenin, intelectual/dirigente com o qual Bensaïd possuía assumidas afinidades. A crise

sobrevém à interseção das pressões da situação e da contingência da ação. Abre uma brecha no círculo vicioso das repetições. Faz seu buraco na estrutura endurecidas da dominação, semeia a desordem na rotina bem organizada dos trabalhos e dos dias. A crise ainda não é o acontecimento, mas já o seu anúncio, uma porta entreaberta pelo qual pode surgir a qualquer instante essas possibilidades tão distantes que a própria espera entorpecida. As horas então se transformam, de repente, em minutos, e os anos em dias (Bensaïd, 2008: 30).

Na verdade, é em Lenin, muito mais do que em Marx, que o filósofo francês encontra a inspiração prático-teórica para debater a especificidade da política diante da esfera econômica e/ou da dimensão social. “Bem mais do que Marx”, afirma Bensaïd, Lênin “é o autêntico pensador da política em ação, nas contradições e nos limites de uma época. (Bensaïd, 2000: 178).

Segundo Bensaïd, isso ocorre porque Lênin travou uma luta teórica e estratégica contra a confusão entre o partido e a classe, entre o político e social, que marcava as concepções dominantes do marxismo da Segunda Internacional. Kautsky, principal representante desta corrente, formulou uma visão de revolução na qual “o partido se contenta em acompanhar e esclarecer como pedagogo as lutas dos explorados”. Ainda que o papel de educador seja uma das funções do partido revolucionário, Bensaïd afirma que Kautsky erra quando “o fenômeno objetivo se separa da subjetividade revolucionária. Se fala de estratégia e guerra de desgaste, é para jamais ter que dar batalha” (Bensaïd, 2008: 187).

Esta concepção que “submete a luta propriamente política” às masmorras “de um determinismo sociológico” parindo “um socialismo abandonado ao curso do tempo, confiante na lógica do progresso” (2008: 178) se inspira em Marx, na medida em que este afirmava que “a organização progressiva do proletariado em partido político e classe eram sinônimos, seu ser social e seu ser político se unindo no partido” (2008: 181).

Lenin, ao contrário,

se opõe de forma bastante original para a época a esta redução do político ao social. (...). Ele compreende que as contradições econômicas e sociais não se

exprimem diretamente, mas sob forma específica, deformada e transformada, da política. É por isso que o partido tem por tarefa especialmente ficar à escuta, decifrar no campo político a maneira frequentemente inesperada pela qual se manifestam estas contradições (Bensaïd, 2000: 178-179).

Na interpretação do autor francês, o revolucionário russo cunhou, a partir da distinção entre partido e classe, uma temporalidade própria e específica para a política. O tempo político se baseia, fundamentalmente, na forma como as contradições políticas se manifestam e configuram as crises revolucionárias. As contradições têm sua

irrupção intempestiva em um ponto imprevisto; é um sintoma. Ela [a irrupção] condensa e revela uma crítica latente global das relações sociais. É o milagre daquilo que, diferentemente dos fatos diversos ordinários, constitui, propriamente falando, o acontecimento político. (Bensaïd, 2000: 179).

O desenvolvimento pleno destas contradições se manifesta então nas crises revolucionárias. Nas palavras do filósofo francês: “o pensamento político de Lenin é a cada momento a elaboração de uma temporalidade específica. Culmina na compreensão de crises, de guerras e de revoluções, do momento insurrecional decisivo.” (2000: 186).

Esta noção é a consequência mais radical, sempre segundo Daniel Bensaïd, da diferenciação que Lenin faz entre o político e o social. Tal diferenciação se manifesta em uma recusa de que o Estado será conquistado pelo determinismo sociológico (maioria social do proletariado se transformando em maioria eleitoral) ou pelo determinismo economicista (a greve geral revolucionária faz a classe operária tomar o poder). Nem tanto ao mar nem tanto a terra:

O Estado constitui o núcleo estratégico da luta revolucionária. Mas não pode ser mudado a qualquer momento. Tentar este objetivo fora do tempo significaria simplesmente opor uma vontade arbitrária à uma passividade inerte, uma subjetividade absoluta a uma objetividade morta, como se a questão do poder estivesse permanentemente colocada em sua forma paroxística. (Bensaïd, 2008: 188).

Trabalhar com a dinâmica da crise revolucionária implica em compreender que “o Estado torna-se vulnerável” à ação do proletariado “em certas condições excepcionais e particulares” quando “o equilíbrio de forças torna-se crítico”. Na verdade, segundo Bensaïd, “Não importa quando: há em toda luta ritmo, pulsações e batimentos, que a noção de crise permite pensar.” (Idem).

Aqui, novamente, é possível trazer o tempo da temporalidade específica da política identificada por Bensaïd como uma das contribuições centrais de

Lênin. “O tempo das revoluções é concentrado, redobrado sobre si mesmo. (...) A crise revolucionária é pluritemporal. Nela, diversos tempos se misturam e se combinam” (2008: 188-189).

É com esta multi-temporalidade que “Lenin sublinha a ruptura de continuidade entre o conflito econômico imediato e o conflito político mediado.” (Bensaïd, 2000: 181). É a partir dela que ele “recusa explicitamente confundir o problema das classes e dos partidos, o conteúdo social e sua expressão política” (2000: 182). É neste sentido que Bensaïd defende que “A política tem, para Lenin, gramática e sintaxe próprias. Ela é o lugar de uma elaboração, de uma aparição, de uma representação, onde trata-se de apresentar aquilo que está ausente.” (2000: 182).

Mais do que isso: “Se a política é, por vezes, definida como a expressão concentrada da economia, ela não pode deixar de ter primado sobre a economia.” (2000: 183). Ou, ainda:

A política se mostra, então, moldada por ritmos e relevos. A arte da palavra de ordem é uma arte da conjuntura. Que a catástrofe possa ser conjurada depende deste sentido agudo do momento. Tal palavra de ordem é válida ontem, não é mais válida hoje, mas voltará a ser amanhã. É esta idéia que torna concebível a conquista improvável do poder por uma classe submetida ordinariamente ao círculo de ferro da exploração e da alienação. É a chave da questão vertiginosa: como do nada tornar-se tudo? (Bensaïd, 2008: 190).

Bensaïd procura a partir de Lenin, demonstrar a vitalidade da luta de classes. “Lenin faz política e elabora sua temporalidade própria” que é fundamentalmente a política “de um tempo partido”, (2008: 190) na qual, diferente da “burocracia [que] sonha controlar o acontecimento” encontra-se “o revolucionário [que] espregueira o acontecimento potencial na crise.” (2008: 191)

Mas o filósofo francês não pode recuperar o valor da práxis revolucionária apenas citando um cânone. Como ele mesmo diz, não quer se mais um dos “guardiões conservadores de um templo deserto” (2008: 9). Por isso precisa demonstrar que o proletariado segue existindo, em que pesem os atestados de óbito emitidos pela “contra-reforma liberal”. Para além dos números que ele apresenta demonstrando que o proletariado “representa de dois terços a quatro quintos da população ativa” (2008: 36) das sociedades desenvolvidas, o que importa reter é a discussão que nosso autor faz sobre a consciência de classe. Nas palavras de Bensaïd, “o sentimento de pertencer a uma classe resulta do trabalho político e simbólico, assim como de uma determinação sociológica”. Sem política não há consciência de classe, esta só se forma como autoprodução dos indivíduos que a compõe, em “um processo de cristalização de interesses coletivos, de uma consciência desses interesses e de uma linguagem para expressá-los. Elas [as classes]

se situam no ponto de encontro entre um conceito teórico e uma declaração que nasce da luta” (2008: 37).

Por fim, o autor busca resgatar do limbo algumas noções fundamentais para que sua concepção de política ganhe vida. Uma vez que ele afirma que não se pode “fazer tábula rasa do Iluminismo e da modernidade, de seu horizonte de universalidade e de sua ambição pela verdade” (2008: 84). Por isso, o autor sustenta que “a totalidade é irreduzível a seus fragmentos esparsos” (2008: 85), e que “enquanto a ideologia dominante é a da imediatividade e das aparências, sua crítica combate as evidências enganadoras dos fatos pulverizados e o falso concreto dos dados imediatos da consciência” (2008: 87). Sem essa dimensão do todo, não há perspectiva de mudança.

Conclusão: o que fazer com o exemplo da política?

Daniel Bensaïd foi, ao mesmo tempo, um importante intelectual marxista e um dirigente político engajado na luta pela revolução socialista. Foi uma liderança importante do Maio de 68 francês, distanciou-se do comunismo soviético e engajou-se na construção da Quarta Internacional – Secretariado Unificado e de sua seção francesa, a LCR, da qual se afastou nos últimos anos de vida, quando se dedicou à construção do Novo Partido Anti-Capitalista.

Sua trajetória, que remete à de tantos outros intelectuais/militantes, na história do marxismo (a começar pelo próprio Marx), é exemplar do tipo de reflexão/ação que ele propõe: analisar criticamente o capitalismo enquanto totalidade como pré-requisito indispensável à sua transformação; superar os limites impostos, por um lado, pela negação pós-moderna e liberal das possibilidades de superação da ordem burguesa e, por outro, por concepções mecanicistas do marxismo que, ao reduzirem a política à condição de epifenômeno do econômico ou das “estruturas”, reduz as possibilidades da ação transformadora consciente; e, talvez o mais importante de tudo: ultrapassar o atual estágio de organização das forças potencialmente críticas ao capitalismo, que se encontram presas em uma lógica de atuação fragmentária, isolada, incapazes de dar conta da gigantesca tarefa de transformação da sociedade, num sentido emancipatório.

Sob a hegemonia de uma combinação de elementos ideológicos pós-modernos e liberais, esses movimentos perseguem objetivos cada vez menos articulados entre si e, muitas vezes, contraditórios entre si. O sentido da política, da luta consciente pelo poder como caminho para a transformação, é precisamente o de produzir uma unidade entre os oprimidos, uma compreensão do caráter universal da dominação capitalista e da sua articulação com as demais formas de dominação, como a dominação masculina e a dominação dos brancos de origem europeia sobre os demais povos (ambos temas de grande relevância,

no pensamento de Daniel Bensaïd) que, na verdade, longe de serem aspectos desconexos da realidade, constituem parte de um conjunto coerente de relações de dominação que se alimentam mutuamente e, juntas, atuam para sua perpetuação. Se a dominação capitalista (com todas as caracterizações e adjetivações que se fazem necessárias) possui um caráter eminentemente universal, a luta pela emancipação de mulheres e homens deverá ser, ela mesma, igualmente universal.

Bibliografia

BENSAÏD, Daniel (1999). *Marx, O intempestivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____ (2008). *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo: Boitempo.

_____ (2000). Lenin e a política do tempo partido. In: BENSAÏD, Daniel e LÖWY, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã.

GUIMARÃES, Juarez (1999). *Democracia e marxismo: crítica da razão liberal*. São Paulo: Xamã.